PQ 9261
.S58 C3
Copy 1

Class PQ 9261

Book .S58 C3

421

CANTOS E LAMENTOS

POESIAS ESCOLHIDAS

DE

J. S. DA SILVA-FERRAZ.

PORTO:
TYPOGRAPHIA DE FRANCISCO GOMES DA FONSECA,
Rua das Hortas n.º 102.

1857.

1599
3939

CANTOS E LAMENTOS.

CANTOS E LAMENTOS

POESIAS ESCOLHIDAS

DE

Joaquim Nunes

J. S. DA SILVA-FERRAZ.

PORTO:

TYPOGRAPHIA DE FRANCISCO GOMES DA FONSECA,

Rua das Hortas n.º 102.

—

1857.

PQ9261
.S58C3

387270
'29

AMK June 6/32

Goces, dichas, aciertos, desvarios...
Conforme esté mi humor, porque a él me ajusto,
Y allá van versos donde va mi gusto.

ESPRONCEDA.

(*El diablo mundo.*)

I.

HYMNO Á LUA.

AO MEU AMIGO A. AYRES DE GOUVEA.

Levanta-te! Surge! Rainha modesta
Que vens pudibunda da noite na festa
Teu sceptro tomar!
Detraz das montanhas, o que é que tu sondas?
O sol? Não o temas, que ha muito nas ondas
Se foi occultar.

E a noite é bem triste, sem ti, meiga lua!
Sem ti o regato perdido fluctua,
Nem sabe onde vae.
Pratea-lhe as agoas co'a luz argentina!
Alegra-lhe as margens; que a densa neblina
Ao ver-te se esvae.

A noite é bem triste sem ti, astro lindo!
Mas quando appareces, das nuvens abrindo
Os pallidos veus,
Tão lindo, e tão serio, parece teu rosto
De virgem que esquece do mundo o desgosto,
Scismando nos ceus.

Sem ti as montanhas que ondêam distantes
No pardo horisonte, não tem habitantes,
Ninguem mora lá.
Mas descem teus puros, diáfanos mantos,
E logo mil sombras de aéreos encantos
Teu brilho lhes dá.

Eu amo-te sempre, quer brilhes entre ondas
De nuvens gigantes, quer tímida escondas
O casto fulgor —
Bem como o futuro que sonha o poeta
Nos sonhos incertos da mente inquieta —
Já gozo — já dôr.

Ás vezes amiga de velhas ruinas,
O antigo mosteiro calada illuminas,
Beijando-lhe a cruz;
E á cruz mutilada que a turba despreza
Só tu lhe diriges poetica reza,
Banhando-a de luz.

Ás vezes espreitas por entre cyprestes
A estancia dos mortos, e os túmulos vestes
Com mantos de dó.
E guias a virgem que triste procura
Um caro jazigo, e um nome murmura
Que tu ouves só.

E o homem não ama teus candidos mantos —
Á vida aspirando, dedica seus cantos
Do sol ao fulgor.
Mas quando são findos os sonhos da vida,
Só vae affagal-o na extrema guarida
Teu mystico amor.

Eu não; eu não gósto da luz orgulhosa
Desse astro que anima co'a chamma pomposa
Da vida o festim.
O sol! não é elle que pinta os martyrios,
E os roxos amores, e os candidos lyrios,
E o casto jasmim.

Bem sei que do dia o astro luzente,
Se para nós morre, n'um outro oriente
Mostrar a luz vae —
Mas eu, cá na terra tambem passageiro,
Quero antes a lua, modesto luzeiro
Que vive e se esvae.

1855.

II.

O MAR.

O espirito de Deus era levado
por cima das agoas.
GENESIS.

I.

Ruge ó mar! Eu vim sentar-me
Nestas rochas junto a ti.
Quero ouvir teus sons altivos,
Que os da terra aborreci.
Lá ou se ouvem de tyrannos,

Que folgam, risos profanos,
Ou de escravos o chorar.
Tu só dizes liberdade,
Doce nome que sempre ha-de
Em minha alma um echo achar.

Tu és livre qual sahiste
Da idéa do Creador,
Quando o cáhos se tornou mundo,
E brotou da terra a flôr.
Era assim livre e fagueira
A terra, da vez primeira
Que para Deus se enflorou.
Mas depois homens vieram,
Depois tyrannos nasceram,
E a liberdade expirou.

Tu sem symbolo ficaste!
E ainda hoje a tua voz
É um solemne protesto
Contra a tyrannia atroz.
Mas debalde a humanidade
Tem buscado a liberdade
Que na terra é sonho vão!
Livre só tu, Oceano!
Só tu sorris soberano
Dos humanos á ambição.

É por isso que te eu amo,
E por instincto te amei,
Quando, infante, horas inteiras
A contemplar-te passei.
Como tu, eu só me humilho,
Inda que da terra filho,
Ao teu Deus, meu Deus tambem.
Eu desprézo vis escravos,
Como tu zombas dos bravos
Que domar-te as ondas vem.

Mar! oh mar! Quando te eu vejo
Descuidoso ás praias ir,
E depois, envergonhado
Da terra logo fugir,
Oh! então eu tenho pejo
Da minha patria! Desejo
Ter nascido filho teu!
Ser teu filho, e ou furioso,
Ou risonho e bonançoso,
Sempre ter a côr do ceu.

II.

Mar! como és bello sempre! ou manso e manso
Tuas ondas se elevem vagarosas,
Como as louras espigas que no campo

Varrera o norte no correr ligeiro,
E vem depois erguer brisas contrarias —
Ou junto á costa as vagas rancorosas
Formem surgindo serras sobre serras,
Como as que o viandante descortina
Ao longe no horisonte, recostado.
Mar! como és bello sempre! ou vás amigo
Cingir as rochas de leitosa espuma,
Ou arrufado já e descontente
Tu queiras submergir esses penedos,
E intentes castigar-lhes a ousadia
De se erguerem acima do teu nivel.
Sempre és sublime, ó mar! sempre me é grato
O teu risonho ou carrancudo aspecto!
Eloquente pregão d'um Sêr eterno,
Dizes sua bondade em teu socego,
Dizes sua justiça em teus furores!

III.

Oh! como é magestoso um sol de estio
Dourando as nuvens e argentando o Oceano!
O Oceano — cuja face fluctuante
Semelha então as transparentes roupas
De adormecida virgem, com que brinca
A caprichosa viração da tarde.

Esses raios, ó mar, que o sol te envia
Á tua sempre movel superficie,
Dão-te um aspecto tão sublime e grande,
Que a vista do poeta ora se espraia
Pela tua extensão indefinida,
Ora no céu se fita, e duvidoso
Não sabe qual será de Deus, dos anjos
A magnifica estancia!

IV.

E depois, quando é noite e que a lua
Lhe dá jorros de mystica luz,
Como é bello assim visto o Oceano!
Como a onda em seu seio reluz!

Quem ao ver os reflexos infindos
Que se agitam na face do mar,
Não crê ver infinitas estrellas
De nos astros inveja excitar?

Quantas vezes, ó mar, eu desejo
Ser então esse raio da lua;
Ser o sôpro das auras, ser tudo
Que em teu cimo brincando fluctua:

Porém, quando se turbam os ares,
— E os teus brados repete o trovão,
Como os echos do monte repetem
Finaes notas de triste canção ;

Quando a brisa se esconde entre as flores,
E entre as nuvens da lua o fulgor ;
E tu ergues altivo essas ondas
Que ameaçam os ceus c'o fragor ;

A minha alma, anhellando o infinito
Desejava a procella então ser ;
E co'as vagas, co'as nuvens, c'os raios
Confundir-se em sublime prazer.

1851.

III.

AO MESMO.

I.

E és sempre — és inda o mesmo — Em vão um seculo
A outro se succede,
Como as ondas que expede
Teu fundo seio. Onde houve um grande imperio
Brota hoje inutil herva —
Mas a terra conserva

Monumentos inuteis, vans memorias
Das gerações que foram,
E que mortas se adoram
Inda se ergue de Chéops a pyramide,
Retracto monstruoso
Do Egypto mysterioso.
Junto ás vagas a tumba de Themistocles
Sobre as rochas assoma —
E a grandeza de Roma
Por mil pedras retumba, como um cantico
Que depois de acabado
Deixa no ar longo brado:
Tu não — tu não recordas os ephemeros
Louros que o homem veio
Procurar a teu seio.
Foi em vão que da Persia o altivo despota
Tentou punir um dia
A tua rebeldia.
Dessas armadas que assustaram Héllade
Que valeu o prestigio?
Nas ondas seu vestigio
Tanto durou como o da lancha timida —
Um sulco n'uma vaga,
Que outra sorrindo apaga.

II.

Lá surge a vaga — ondulante
Cresce, cresce, e n'um instante
Parece altivo gigante
Que nas nuvens quer tocar.
Mas quando já se arremessa
Com mais furia, e mais se appressa —
Mais salta a espuma travessa,
Com seu furor a brincar.

Tu, ó Grecia, bem disseste
Quando a Belleza celeste
Filha da espuma fizeste,
Em teu ardente sonhar.
A espuma corôa a vaga,
E é quem a furia lhe apaga —
Tal a Belleza embriaga,
E sabe a força algemar.

É que o rei da natureza,
É que Deus — junto á grandeza
Poz a innocencia e a belleza —
Poz o amor e a força a par.

Tem astros o firmamento
Que elevam o pensamento —
E o veu da lua alvacento
Que inspira vago scismar.

Assim a hera se enlaça
Na alta torre, que devassa
Os ceus e por onde passa
O tempo sem a arruinar.
Assim o zefiro brando
Agita as folhas, passando,
Ao carvalho venerando
Que o tufão póde arrastar

1856.

IV.

SOLEDADE.

The widow'd turtles mateless die —
The phœnix is but one.
They seek no loves — No more will I,
I'll rather dwell alone.
(W. Scott.)

Cansada já de conceber 'speranças,
Que inda tam verdes o soffrer murchou,
Que buscas, alma, se jámais alcanças
Essa visão que em teu sonhar passou?
Quizeste ós entes do pensar enfermo
Achar na terra — punge-te arduo espinho.
Findou a lide — que vês tu? um ermo!
Nem vês um ramo vicejar sósinho.

Ai, onde existe coração fervente,
Que palpitando corresponda ao meu?
Onde alma pura, de pensar ardente,
Que a terra deixe procurando o ceu?
Embora o rosto me estremeça e escalde
Virgineo beijo a simular carinho.
O amor que eu quero — procurei-o embalde,
Não posso achal-o — viverei sósinho.

Lá quando a lua que saudade inspira
Por alta noite seu fulgor mostrar.
Quando das auras vagabunda lyra
Sentidos echos na amplidão soltar;
Tambem no rosto brilhará meu pranto.
Tambem ás queixas abrirei caminho;
E em nenhum peito echoará meu canto,
E o chôro as pedras molhará sósinho.

Era bem outro esse viver sonhado
Por longas noites que feliz velei!
Apenas anjos haverão gozado
O Éden de amores que a scismar gozei.
Tal como, affagos prelibando, corre
Contente rola do parceiro ao ninho,
E não o encontra, e em viuvez lá morre —
Tal eu me achei — tal morrerei sósinho.

Mais tenue lume, com sereno enleio,
Nesta alma então bruxulear senti;
Quiz na amizade repousar o seio,
Já que o amor me repelliu de si.
Engano! o gêlo que ha no peito do homem
Não secca o pranto em que infeliz definho...
Se cruas penas meu viver consomem,
Ninguem se importa — chorarei sósinho.

Deserto immenso vejo em ti, ó mundo!
Não tens um ponto onde repouse o olhar.
Só muito longe, só bem lá no fundo
Negreja o leito aonde alfim pousar.
Transito duro! A viração que passa
Seguem-n'a as flores lá do val mesquinho:
Só minha vida a nenhum ser se enlaça,
Só eu na terra passarei sósinho.

Mas tambem tu, ó rouxinol saudoso,
Só pelos ermos, da harmonia és rei!
Longe dos vivos, o cypreste annoso
Se eleva placido — assim eu serei.
Só uma prece, meus irmãos vos faço,
Quero o sepulchro da soidão visinho.
Quero da morte no feliz regaço,
Como vivera, repousar sósinho.

Sim, venha a morte, q não pulsar do peito,
De mil desejos o cessar emfim ;
Largar da vida o irrequieto leito —
Sentir o gêlo d'uma lousa em mim.
Embora seja a eternidade um sonho —
Eu, campa, eu vou — eu para ti caminho ;
Tu findarás este viver tristonho :
Depois, talvez... não vivirei sósinho.

1852.

V.

A UM RETRATO DE ROUSSEAU.

Essa corôa magnifica
Que te cinge a fronte augusta
É esplendida — mas custa
O seu pezo a sustentar.
Como Christo, cruza o genio
No viver arduos caminhos,
E uma corôa de espinhos
Vae no Golgotha alcançar.

Quantos passam por teu tumulo
E te invejam o talento?
Mas não sabem o tormento
Que Deus ao pensar impoz.
Pensam que a chamma volcanica
Brilha só, e não estraga:
Na idéa que o mundo afaga
Não vêem d'um homem o algoz.

Quizeram ser o philosopho
Que soube ler no futuro,
Que da procella no escuro
Sentiu o raio fulgir;
Mas não sabem que martyrios
Soffre a inspirada sibylla:
Pensam que a mente é tranquilla
Quando se sonda o porvir.

Teu olhar, como o da aguia
Que só tem o sol por fito,
Só mede o grande, o infinito,
Vê o que a turba não vê.
Mas a turba vê mil arvores,
Vê os rios e campinas,
Vê cascatas e boninas,
E goza e canta — pois crê!

E a tua vida foi arida,
Como o campo devastado,
Onde o furacão irado
Sua passagem marcou.
Que se a tempestade férvida
Agita e fecunda a gleba,
Quando nos ares se eleva,
Ai do arbusto que encontrou!

Não, não invejem a auréola
Daquella fronte que pensa.
Do porvir prepara a crença,
Mas em nada póde crêr.
Assim da mina recondita
Ás tenebrosas paredes
Não deu luz o ouro, que vêdes
Como o sol resplandecer.

Novembro de 1854.

IV.

NOITES DE OUTOMNO.

He whistled as he went for
want of thought.
(DRYDEN.)

I.

Donde vindes, brandas auras
Que accendeu ha pouco o estío,
Cujo sopro o inverno frio
Inda não arrefeceu?
Donde vindes, baças nuvens
Que passaes por sobre a lua,
Qual a espuma que fluctua
Sobre as rochas no escarceu?

De correr cessae um pouco,
Brandas auras, doces brizas,
Parae, fórmas indecisas
Que o espaço percorreis !
Oh ! dizei-me donde vindes?
Vindes lá da minha terra,
Que minha alma toda encerra —
Para mim nada trazeis ?

Talvez, auras, perpassasseis
Não ha muito uma janella,
Onde minha amada bella
Suspirava com paixão.
E talvez comsigo diga
Que é sósinha na saudade. ..
Oh ! mal sabe que anciedade,
Que tristezas cá não vão!

Talvez, nuvens, enlutasse
Vossa sombra tenebrosa
O astro puro que saudosa
Ella estava a contemplar.
E talvez crêsse aziago
Vosso manto tam escuro,
Vendo a luz do seu futuro
Entre veus a pelejar.

Se é assim, volvei, ó brizas,
A aspirar-lhe nos ouvidos,
E dizei-lhe que gemidos
De saudade são os meus.
Ide, ó nuvens, para longe,
E brilhante a lua diga
Que um porvir ditoso abriga
Nosso amor contra escarceus.

II.

La bella creatura bianco vestita.
DANTE.

É assim que tu és bella,
Elevando o rosto mudo
Sobre os montes, quando tudo
É silencio sepulchral!
Vens tam tarde, amiga lua!
Vae a noite já em meio,
E pareces ter receio
De transpor co'a luz o val.

És qual virgem que amorosa
Prometteu, menos modesta,
Ao amante ir á floresta
Para um beijo só lhe dar.
Só um beijo... que tem isso?...
Mas hesita, e não se apressa
A cumprir sua promessa;
Vae calada e devagar.

Eu, tambem, ha já bem tempo
Que ancioso te esperava,
E as mil cores contemplava
Porque o ceu passando vae,
Té que a orla do horisonte
Vem franjar tua luz viva,
E que a sombra fugitiva
Quasi toda emfim se esvae.

Mas é só por estas horas,
Meiga lua, que eu te espero;
Entre as nuvens ver-te quero
Pura e candida surgir;
Como antigo cavalleiro,
N'uma gothica janella,
Quereria a sua bella
Entre os vidros ver sorrir.

Não te espero, quando, ó lua,
Tu vens ver morrer o dia,
Que inda os montes alumia
A dourada luz do sol.
Não; embora sobre as nuvens
Teu argenteo disco passe,
Não te quero ver a face
Com as cores do arrebol.

Não; se á luz do dia juntas
Tua luz, de ti não gosto:
Julgo ver um puro rosto
N'uma orgia festival.
É assim que tu és bella,
Elevando o rosto mudo
Sobre os montes, quando tudo
É silencio sepulchral.

1853.

III.

No paiz do grande Tasso,
Do romantico Ariosto,
Dizem vates que o desgosto
Tem um rapido viver;

Que debaixo d'um sol bello
Nunca seccam os verdores,
E do sul meigos rumores
Fazem magoas esquecer.

Eu não sei — mas quando vago
Nas soidoens da minha terra,
Quando tudo a noite encerra
Do mysterio em castos veus;
Contemplando a azul esphera
Vejo tantas, taes estrellas,
Que não sei que possa havel-as
Mais formosas n'outros ceus.

Não invejo então a patria
De Petrarca, nem do Tasso,
Que eu felizes horas passo
Neste solo portuguez:
A belleza que o Eterno
Deu ás noites do meu clima,
D'um Camoens o estro anima,
E os affectos d'uma Ignez!

Vós, estrellas feiticeiras,
Inspirastes taes amores.
Pobre Ignez! que dissabores
Lhe custou o seu amar!

Mas vagando nestas noites
Pelas margens do Mondego,
Quem sentir póde socego?
Quem não ha-de suspirar?

Dize-o tu, infeliz bardo,
Trovador enamorado,
De saudades magoado
Dize-o tu, ó Bernardim!
Quantas vezes estes astros
Te fallaram com meiguice,
Que segredos te não disse
Sua luz, brilhando assim!...

Que outros queiram, ó estrellas,
Devassar o vosso brilho,
Surpr'ender-vos nesse trilho
Onde ha muito Deus vos poz:
Eu não sei se de outros mundos
Contemplaes a dor, e os gozos —
Sei que é doce, astros formosos,
Conversar convosco a sós.

1854.

IV.

Triste a alma — o peito anciado —
A esperança quasi morta,
Ai estrellas, que me importa
Vosso mystico fulgor?
Que me importa a luz da lua,
Que é dos tristes triste amiga,
Se a tristeza me fatiga,
Se me causa tanta dor!...

Eu não amo a luz do dia,
Porque a noite n'alma trago;
Mas embalde ás noites vago,
Ceus e terra a contemplar.
Esta lua, estas estrellas,
Essa bruma sobre os montes,
Estes vastos horizontes
Mais augmentam meu pezar.

Noites tristes! vós sois bellas
Quando tem os olhos pranto —
Mas os meus choraram tanto,
Que não tem mais que chorar.

Eu busquei-vos, mas em tempos
Em que a dor me dava gozos —
Em que os dias venturosos
É prazer o recordar.

Eu busquei-vos, noites tristes,
Porque só no vosso seio
Se nutria o meu anceio,
E mais livre era a afflicção —
Tal o vento em dias bruscos
Busca o pinheiral mais denso —
E ao fragor do mar immenso
Casa lugubre canção.

Eu amei-vos, como a vaga
Os rochedos ama e cerca,
Muito embora lá se perca
Seu baldado, louco affan.
No terror de vossos lutos,
Para mim raiava o dia;
Para a minha dor sombria
O luar era a manham.

Hoje as noites, como os dias,
Como tudo — são-me estranhas!
Nem a lua nas montanhas,
Como d'antes, já me apraz.

Eu não sei se ha refrigerio
Para o ardor fatal que sinto —
Mas não póde ser extincto
Da saudade pela paz.

1856.

VII.

DEUS.

Fui-me sentar meditativo e triste
No cimo da montanha magestosa;
Como se dezejasse est'alma anciosa
Mais perto estar de Deus.

O sol no occaso illuminava ainda
Os valles que a meus pés se assombreavam,
E as nuvens que suspensas ondulavam
No Oceano dos ceus.

Foi n'uma hora assim de mago encanto,
Foi contemplando similhantes scenas,
Que o philosopho antigo viu Athenas
A cicuta beber.

E o martyr da razão era mais bello
De inspiração, saudando a eternidade;
O dia tem tambem mais magestade
Á hora do morrer.

Resei: Salve, ó Eterno! O dia expira,
A rosa como o lyrio o viço perde;
De mil campinas se esvaece o verde,
E até o azul do ceu:

Mas vem narrar os astros tua gloria!
Em vão o sol ao occidente corre;
Mais brilha então teu nome que não morre,
Das sombras entre o veu.

É que a téla dos ceus é mais augusta,
Mais digna de teu nome ter escripto,
Tendo estrellas em numero infinito
Como é o teu poder;

E o socego da noite é mais solemne
Para os echos da musica celeste,
Que tem o ramalhar de alto cypreste,
O teu nome a dizer.

E ámanham romperá de novo a aurora;
E, pintando de Deus a immensidade,
O sol contemplará com magestade
O mar, a terra, os ceus!

Falla nelle o trovão, e o sôpro da aura,
O raio, e a luz tímida da serra,
E os innumeros soes que o espaço encerra.
Em tudo e sempre — Deus —

VIII.

LAMENTOS DE CAMOENS.

AO MEU AMIGO A. A. SOARES DE PASSOS.

Vinde afagar-me os ultimos momentos,
Doces recordaçoens do meu passado!
Despertem vossos gozos e tormentos
A alma que dorme somno socegado.
Assim despertam perfumados ventos
A flor que á noite adormeceu no prado,
Antes que venha a aurora appetecida
Que lhe traz, co'a luz nova, nova vida.

Quando o exilado chega á patria terra,
Antes que pize a conhecida plaga,
Olha esse mar com que luctou em guerra
E cujo ruido ainda o embriaga:
Minha alma já tambem o porto aferra
Onde acharei emfim repouso e paga
Ás fadigas do mar, que o meu esquife
Rojou a mais d'um aspero recife.

Antes, languida vista de saudade
Quero alongar por essa minha vida;
E será este o olhar extremo que ha-de
Ao mundo dar a victima esquecida.
Ninguem vem minorar minha anciedade —
Tal solitaria flor, no ermo nascida,
Onde as auras não vão, nem luz, nem nada,
Morre, como viveu, abandonada.

Eu já morri ha muito! Quando o mundo
Me negou illusoens que lhe eu pedia,
Quando nos homens meditando a fundo,
Cobriu meu coração nuvem sombria,
A morte d'alma, o tedio mais profundo
Eu senti d'um viver que offerecia
Espinhosos abrolhos, cruas dores,
Ao que nelle esperava colher flores.

Patria, amor, gloria! Simulacros santos,
Incensos puros vos rendeu minh'alma!
Hoje depois de desenganos tantos,
Ao ver que só por vós não tive calma,
Inda que falsos são vossos encantos,
Que me negaste a promettida palma —
Não vos sei maldizer — ainda agora
Minh'alma enternecida vos adora!

Oh! como de esperanças me fizestes
Pulsar outr'ora o coração no peito!
Que doces gozos e emoçoens me destes
Nesse viver de lagrimas só feito!
E sois agora vós, visoens celestes,
Que me abarcaes o miserando leito!
Já louros não trazeis, nem rosas lindas;
Só saudades... embora!... sois bem vindas!

Nathercia! era o seu nome! o nome della!
Quando me esquecerá? lá sob a lousa?...
Creio que não... lá mesmo, a essa voz bella,
Ha-de tremer o corpo que repousa.
Tu que foste na vida a minha estrella,
Cujo amor nem a morte roubar ousa,
Lá do ceu onde estás, donde eras filha,
Do teu cantor sobre o sepulchro brilha!

Oh! que sublimes affeiçoens, que amores!
Ninguem os teve como nós ainda.
De quanta gloria havia eu quiz as flores,
Para offertar-te dellas a mais linda.
Soldado, dos combates nos fervores
Por ti só aspirei a gloria infinda!
Poeta, o melhor sonho que eu sonhava
É que esta fronte tua mão laureava!

Nos campos de batalha, o leito duro
De pedras só, tornava-se de flores...
É que teu gesto me sorria puro
Da noite nos balsamicos vapores.
É que vinham os sonhos do futuro
Afugentar do meu viver as dores,
Que eram então quaes sombras fugidias
Diante das matutinas harmonias!...

E morreu! porque ainda me esvoaça
Na torva mente esta fatal lembrança?
É a crença que no espirito me passa,
De amor que alem da tumba inda se alcança.
Pôde a morte roubar-lhe a vida escassa,
Mas não pôde murchar minha esperança,
Que deixarei quando deixar a vida...
Quando no ceu em fim me for cumprida.

Patria! como eu te amava! Se ciumes
Se póde ter de tudo quanto se ama,
Podia-os ella ter! Ereis dois numes,
Que em meu peito accendiam egual chamma
Como as flores ás auras dão perfumes,
E Deus aos astros dá a luz que inflamma.
Assim o vosso amor me dava alentos,
Nobres cantos, e altivos pensamentos.

Patria, muito te amei! Tuas memorias
Minoravam-me as magoas do desterro...
Foi lá que eu descantei tuas victorias,
Foi lá que em prantos deplorei teu erro.
Em quanto motejavam tuas glorias
Almas de gêlo, coraçoens de ferro,
Eu cria-me feliz por ser teu filho,
E quiz dos teus heroes seguir o trilho.

Mas ai! já perto vem a hora tremenda!
Ai, pobre patria, morrerás em breve!
O teu rei te perdeu querendo a senda
Seguir dos reis que Portugal já teve.
Alkacer-Kébir é a triste lenda
Que sobre a tua campa a mão escreve
Desses vís patricidas, que em escravos
A linda terra tornarão de bravos.

Ao menos eu, nunca verei a terra
Que tanto amei, curvar-se á tyrannia.
Vem, somno eterno, e estes meus olhos cerra,
Que a luz não vejam do funereo dia!
Que eu não ouça em logar de voz de guerra,
Som de algemas que acceita a cobardia...
Deus me ouvirá e um só sudario ha-de
Amortalhar Camoens e a liberdade!

Depois, que o meu cadaver pize embora
De Portugal a raça renegada!
Riam tyrannos! minha extrema aurora
Inda allumiará do livre a espada!
Em breve a patria aonde se não chora
Me sorrirá ao cabo desta estrada,
Onde meus pés toparam só abrolhos,
E só trevas pesaram em meus olhos.

Morreu tudo o que amára o pobre vate!
Morreu Nathercia; e a patria esmorecida
Os seus filhos em vão chama ao combate:
Não lhe escutam a voz enfraquecida.
Meu coração, tambem, se ainda bate,
É porque já viveu risonha vida,
E inda se nutre da vivaz memoria
Que tem desse viver de amor e gloria

Gloria! nítida estrella que inquieta
Fulguras feiticeira e luminosa,
Nesse ceu que entrevê só o poeta
Do seu viver na noite tormentosa,
Eis-me tocando da existencia a meta,
Sem ver ainda tua luz mimosa...
Será preciso que esta vida cesse,
Para que então o teu brilhar comece?

Sim! Quando a terra abandonar minh'alma,
Á terra descerás, astro tam bello!
Meu pó, que então desejará só calma,
Virão teus resplendores aquecel-o.
Só do poeta o amor não acha palma
Na terra: é sonho, é não cumprido anhelo,
Ha-de delle restar só quanto resta
Da passagem das auras na floresta.

Patria! que é do teu sceptro de rainha
Que impunhas ao antigo e novo mundo?
Gloria! onde está a fé que em ti eu tinha?
Amor! o que é teu anciar profundo?
Aprouve aos ceus assim! foi sorte minha
Que tudo visse morto o moribundo!
Que saudade posso eu levar da terra
Que promette ventura, e dor encerra?

Mas se em troca da gloria deslumbrante
Que a meu nome dará tardío fausto,
Tu pódes, patria, ainda ser gigante,
Tome-a o fado cruel em holocausto!
Senão adoce teu final instante
Veres tambem o meu alento exhausto,
Vê que inda portuguez desço ao jazigo;
E alegre morro, por morrer comtigo!

1851.

IX.

PENSAMENTOS D'OUTOMNO.

Vês, Angelica, essa folha
Resistindo ao vendaval,
Que já de outras folhas seccas
Semeou todo esse val?

A coitada treme, hesita;
Mas emfim eil-a que cae,
Desprendida do seu tronco
Á mercê do vento vae.

Assim eu ao ver-te, Angelica,
Hesitei, quiz resistir
Ao poder de teus encantos,
A teu magico sorrir.

Foi em vão — tu triumphaste,
Teu captivo sou alfim...
Mas o vento deixa a folha...
Não me deixes tu a mim.

X.

NOITE E MAR.

(FRAGMENTO.)

A noite vae escura.
O ceu sem uma estrella
De nuvens mil se vela,
E traja veus de horror.
As vozes que desprende
Dos ventos o alaúde,
Casa seu canto rude
O Oceano rugidor.

A lua tenta ás vezes
Romper seu veu sombrio,
E um brilho fugidio
Estende sobre o mar ;
Mas seu fulgor apaga-o
Rijo soprar do vento,
Que faz com seu lamento
Os astros recuar...
.....

O mar assim á noite,
Que o horror á luz disputa
Casando estranha luta
Do espaço na amplidão,
É como a vida. Triste
É caprichosa presa
Do gozo, da tristeza,
Do prazer, da afflicção.

Como nos veus da noite,
Como do mar no imperio
Ha um fatal mysterio
Na alma do trovador.

Quem poz nos prados flores,
E crenças na innocencia,
Do bardo na existencia
Só quiz que houvesse a dor.
.....

De crenças anhelantes
Pedi á vida flores;
Pedi castos amores
Ao virginal pudor;
De terreo gozo a sede
Em vão quiz extinguil-a
N'uma affeição tranquilla,
N'um infinito amor.

Mas quem responde aos gritos
Do nauta desgraçado?
Só da procella o brado,
Do mar a solidão.
Assim aos meus anhelos
Só respondeu do mundo
O ruido ouco e profundo,
Que gela o coração.

XI.

ELEGIA.

CANTO DO SUICIDA.

My native land — good night.
LORD BYRON.

Vida, adeus! Teu escravo dentro em pouco
Livre será. Já perto vem seu fim.
Mundo, recebe o adeus do pobre louco
Que ás vezes perturbava teu festim.
Vós que viver podeis, sede ditosos!
Eu, triste, sacrifico n'outro altar.
Com ardor disputae da vida os gozos,
Mas deixae-me na morte repousar.

Ficae, que vosso esplendido banquete
Por lustre tem o resplendor do sol;
Tem a alfombra da terra por tapete;
E por docel, das nuvens o arrebol.
Eu não posso gozar esses encantos!
Adeus, ó terra e ceu! e tu, ó mar,
Inda uma vez repete-me teus cantos,
Qual mãe que faz o filho repousar.

Não, não é para mim que a terra veste
Dos valles e montanhas o tapiz.
Bem te vejo brilhar, ó luz celeste,
Mas não é para mim que tu sorris.
Embora, ó sol, o mundo te bemdiga,
Chama-me a campa, é lá o meu logar.
O esplendor de teus raios me fatiga:
Cansado estou — preciso repousar.

A morte me revela seu segredo;
Diz-me — na campa inquietação não ha.
Vaguei do cemiterio no arvoredo;
Ninguem fallou — tudo dormia lá.
Vi o cedro — e o chorão que o solo beija
Co'os sepulchros baixinho a conversar.
Ai! quando alli a viração adeja,
Como deve ser grato o repousar!

Eu não odeio os homens, não. São elles
Que o seio me recusam sem ter dó.
És tu, ó vida, és tu que me repelles,
Qual planta inutil me votaste ao pó.
É sem saudades que este mundo deixo;
Mas não sou eu que o hei-de amaldiçoar,
De minha sorte nem sequer me queixo...
Que valêra? Se alfim vou repousar.

Adeus, adeus, recordaçoens da infancia!
E vós, tambem, ó sonhos do porvir! —
Que vale a dita ver sempre a distancia,
Se o presente não tem nunca um sorrir?
Esperança, luzeiro mentiroso,
Não mais virás minh'alma embriagar,
Que no seio da morte não ha gozo,
Mas não tem sonhos maus seu repousar.

Dá-me do ceu, ó mãe, a tua bençam!
Vae-se encontrar co'a morte o filho teu.
Em torno a mim as trevas se condensam;
O sol tibio de mim já se escondeu.
Mas a lua lá vem — tremulo cyrio,
Quero ver-te na morte inda brilhar
Tu me adoçaste já mais d'um martyrio,
Vem, ó lua, pois quero repousar.

Tu pareces, ó astro vagabundo,
Tambem viver sem intenção — sem fim.
Foi talvez tua patria um bello mundo,
E de lá te expelliram, como a mim.
Ámanham haverá menos um triste
Que tua luz precise consolar:
Mas não te esqueças do que ainda existe
Occulto sob a terra a repousar.

XII.

NÃO FUJAS.

Não me fujas, que o anjo de outros dias
Perdeu sua pureza — hoje é mulher.
O escravo que a teus pés submisso vias,
É homem — do passado nada quer.

Talvez tu sejas mais formosa agora,
Mas eu é que perdi a intelligencia
Do teu olhar que o meu buscava outr'ora,
E hoje o evita co'a mesma impaciencia.

Porque foges? receias que o passado
Vingativo e cruel surja entre nós?
Teu protesto c'um beijo consagrado
Ninguem t'o ouviu — estavamos a sós.

Já fui louco — passei bem tristes dias
Querendo-te inda ver como antes pura...
Mas para que lembrar taes agonias,
E essas noites de insomnia, e de amargura?

Não, hoje não te culpo — nada temas.
O tempo só minha illusão findou.
Já saudades não tenho das algemas
Que á terra me prendiam — livre sou.

Porque foges? Não vês que teus encantos,
Para mim perigosos já não são?
Lembram-me só esses enlevos santos
Que já sentiu meu pobre coração.

Podes passar por mim — não me constranjo.
Se inda ao olhar-te, sinto algum pezar —
É que te cri tam pouco tempo um anjo,
Ai! foi tam passageiro meu sonhar!

Mas é certo — acordei — quebrou-se o encanto.
Já não posso illudir-me — nunca mais!
O anjo celeste que eu amava tanto —
Cahiu na terra, e vaga entre mortaes.

Não, não fujas de mim — qual sombra estranha
Não me dás dor nem gozo ao coração:
Sou qual urze insensivel da montanha
Que não sabe se passa a viração.

1856.

XIII.

QUADRAS

RECITADAS NO CONCERTO DO VIOLINISTA
F. DE SA' NORONHA.

É bello ouvir a musica selvagem
Das ermas praias, e escutar o Oceano,
Quando o vento, na rapida passagem,
Se une das ondas ao folguedo insano.

É grato ouvir esses gemidos vagos
Que solta o pinheiral — triste harmonia
Qual gemerá a terra em seus estragos,
Quando soar seu derradeiro dia.

São fagueiras de ouvir-se as cantilenas
Do rouxinol, que vem da primavera
Cantar as noites bellas e serenas,
Mais bellas co'essa voz que amores gera.

É doce, quando o dia já descora,
Ouvir soar nos valles a cantiga
Tam ingenua e saudosa da pastora
Que anima as solidoens co'a voz amiga.

Mas tu, digno rival da natureza,
Mais que ella nos transportas, nos admiras,
Quer traduzas dos ventos a fereza,
Quer imites o som do mar em iras.

Ás vezes, ao ouvir teu instrumento,
Lembranças vem que pareciam mortas:
Acorda-as o teu magico talento,
Que nossas almas sempre deixa absortas.

Dizem que ha n'outro mundo uma harmonia,
De que é vago reflexo esta da terra —
Vozes e harpas sem fim cantam um dia
Que no seu seio a eternidade encerra.

Dize-nos se foi lá que as aprendeste,
As notas com que os homens embriagas;
Se faltam sons á musica celeste,
Em quanto neste mundo tu divagas.

1855.

XIV.

AO PENEDO DA SAUDADE.

(EM COIMBRA.)

Scismar sósinho ás noites, e percorrer co'a vista
Os valles solitarios, é um enlevo santo;
É dor que nos afaga — prazer que nos contrista,
Magoa que prende a alma com feiticeiro encanto.

Penedo da Saudade! Quem te daria o nome?
Quem foi soube de certo que divinal mysterio
Ha neste ermo profundo, que alem-alem se some
Quando a erradia lua cruza o espaço ethereo,

Quem te daria o nome? Foi infeliz amante
Que timida aqui vinha lembrar sua ventura,
E a flor de seus amores, outr'ora inebriantes,
Humedecer com prantos de placida amargura?

Quem te daria o nome? Foi misero poeta,
Que após ardente insomnia vinha colher o afago
Das noites perfumadas, que dão á mente inquieta
D'uma passada vida não sei que lembrar vago?

Mas quem terá olhado para estes tristes valles,
Sem se lembrar de tempos em que foi mais ditoso?
Quem tam feliz ha sido, que não lembre aqui males?
Quem ha que dizer possa «só hei sentido o gozo?»

Eu por mim não; e em quanto no mundo a dor exista,
Em quanto a vida tenha prazeres e amargura,
Dos valles melancolicos amarei a vista,
Vista que eleva a alma, e o sentimento apura.

Amo essa cor incerta dos afastados montes,
Que lembram os paizes que a gente vê em sonhos;
Dos ermos amo as vozes—os vastos horisontes—
As nuvens mil que o espaço cobrem de veus tristonhos.

1854.

XV.

NÃO TE ESQUEÇAS.

Não, não te esqueças daquelles dias
Que amor tão puro veio dourar.
São passageiras as alegrias,
Mas a memoria fal-as durar.
De maior dita se já são findas
As esperanças,
Sejaes ao menos sempre bem vindas,
Gratas lembranças!

Bem sei que dessa felicidade
Que em lindos sonhos sonhada foi,
Existir póde só a saudade,
Que afaga ás vezes, e ás vezes doe.
Mas se consentes que inda te peça
Final favor,
É que tua alma nunca se esqueça
Do nosso amor.

Seria crime, querida amiga,
Ter esperado melhor porvir?
Taes dias queres que eu os maldiga?
Hei-de-os da mente longe expellir?
Não! nosso affecto nunca em minh'alma
Ha-de pezar;
Sentirei sempre serena calma
Quando o lembrar.

Longinquas terras, climas remotos
Embora o fado me faça ver;
Até á morte serão meus votos,
Que haja só flores em teu viver.
Hei-de no ermo gemer profundo
Da viuvez,
E amar o mundo só porque o mundo
Feliz te fez!

Vê como fulgem milhoens de estrellas :
Do ceu é triste, mas bella a cor —
Assim outr'ora mil visoens bellas
Sorriam d'antes no nosso amor.
Lá surge a lua — já o ceu menos
Astros contem —
Mas puros raios, e mais serenos,
Da lua vem.

A linda face te banha o pranto,
Mas é sereno como o luar —
De nossos sonhos findou o encanto ;
Mas seu reflexo porque apagar ?...
Se é impossivel felicidade
Mais bella ter —
As nossas almas inda a amizade
Póde prender.

1854.

XVI.

HYMNO DA MANHAM.

A manham! a manham! eil-a que surge,
C'o rosto acceso em vívido rubor;
Como innocente virgem escutando
Pela primeira vez fallas de amor.

A creação que dormitava acorda,
E um hymno eleva de alegria ao ceu.
Como a dor d'alma ante a esperança morre,
Ante a luz rasga-se o nocturno veu.

A manham ! a manham ! filha do oriente,
Ás campinas do oeste vem trazer
Da patria a luz, encantos e perfumes,
Que fazem flores e auras rescender.

O ceu de novo seu azul ostenta —
A terra mostra seus rivaes verdores;
Que da manham o feiticeiro sopro
Apaga estrellas — resuscita flores.

A cotovia esperta ao ar se eleva —
E sobe, e sobe até que veja o sol,
Antes que elle á montanha doure o viso —
Antes que as nuvens tomem o arrebol.

E a ave canta — é que já viu a face
Ao astro rei, e lhe festeja a vinda,
Em quanto expira a derradeira estrella
Que junto aos mares fulgurava ainda.

Surge, mostra-te a nós — astro dos astros,
Que a ave o teu fulgor quer ver na selva
Em teu seio te quer o mar undoso;
As flores te desejam entre a relva!

Fugi de todo, nebulosas sombras,
Que a creação tyrannizaes crueis!
Vem, astro bello, libertar a terra
Que te prepara triumphaes laureis!

Mas eil-o que se eleva, e o aureo disco
Lá pousa todo em fim sobre a collina.
No ceu, de cor de rosa tinge as nuvens;
Na terra, montes, rios illumina.

Salve, astro rei, que magestoso surges,
Envolto em nuvens de dourado pó!
A lua á noite com estrellas brilha,
Mas tu fulgindo na amplidão és só,

1851.

XVII.

OUTOMNO.

Que tristeza tão sombria
Tem as tardes autumnaes!
Com que lugubre harmonia,
Rios, ventos, suspiraes!
Do azul ceu a cor divina
Tolda alvacenta cortina
Donde vem coada a luz.
Crê-se a terra um sanctuario,
E o sol triste lampadario
Que através d'um veu reluz.

Ai, outomno, tu convidas
Nossas almas á tristeza.
Que melodias sentidas
Arrancas da natureza!
A natureza — alaúde
Donde tira o inverno rude
Rudes sons, de extasiar.
Meiga canta a primavera;
Desejos o estio gera;
Tu porém, fazes scismar.

Fazes scismar com teus ventos
De sentido modular,
Que soltam tristes lamentos,
Divagando pelo ar;
Que melancolicos fallam
Entre as arvores que embalam
Com caprichoso mover;
Até que o chão todo alastram
De mil folhas que se arrastam
Tristes — da cor do morrer.

Fazes scismar. Agoureiro
Coração, entregue á dor,
Diz que tambem, traiçoeiro,
Como o vento, é o amor.
Se o vento n'arvor'suspira,

O amor no peito delira,
Promette gozos do ceu.
Se depois a arvore perde
Tanta folha d'antes verde,
Perde a alma quanto creu.

Que é feito da verdura
Que a linda primavera
Deixou por esses campos,
Sorrindo a um bello sol?
Já não se escuta a ave
Que a luz nascente espera,
Nem se ouve ao fim da tarde.
Cantar o rouxinol.

Aonde estão as flores
Que airosas se miravam
Nas gotas de rocio,
Que a aurora á relva deu?
Em galas, esses dias
Co'as noites porfiavam —
Se a terra tinha flores,
Estrellas tinha o ceu.

Vês, Angela, esse lago
Que dorme socegado?
Ha pouco retratava
Do sol vivo fulgor:
E o sol nem já deslumbra
O olhar ao ceu mandado,
E o lago só espelha
Das nuvens o pallor.

Que é feito da verdura?
Olha no chão as folhas.
Aonde estão as flores?
O sol as desbotou.
E o sol onde fulgura?
Em vão para o ceu olhas:
Só vês escuro manto
Que a luz nos offuscou.

Mas porque ter taes lembranças
Nesta idade, em que esperanças
Nutre o peito com ardor?
Perca embora a natureza
Todo o limpido verdor;

Nem se escute na deveza
O trinar do rei cantor;
Nem ao longo das campinas
Brilhem gotas cristalinas,
Nem viceje uma só flor.

Que me importa, se na terra
Ha um ente onde se encerra
Tudo quanto falta ahi,
De belleza e harmonias
Quaes na primavera vi?
Tenha o ceu nuvens sombrias,
Outro ceu, n'uns olhos, ri.
Se é murcha toda a campina,
Eu sei d'uma flor divina
Que em todo o tempo florí.

E oh! em quanto que em sua alma
Para mim tal flor florir
Como solitaria palma
Ao viandante a sorrir,
Em vão queimores do estio,

Em vão do outomno sombrio
Melancolias virão:
Té do inverno a estação fera
Achará a primavera
Risonha em meu coração.

1851.

XVIII.

NO ALBUM D'UMA SENHORA.

Adora, ó virgem, essa luz celeste
Que nas azas da fé á terra veio;
Que tu, ó Deus, o amor á terra déste
Para que ao homem enlevado atteste
Como dos anjos é suave o enleio.

Infeliz de quem nunca teve sonhos
Animados por essa luz divina !
Seus dias são inuteis e tristonhos,
Quaes fantasmas que o infante vê medonhos
Cumprindo neste mundo ignota sina.

Ama e sonha — que os sonhos amorosos
São doces como o rir da madrugada —
E da paixão os elevados gozos,
São bellos como os raios tam pomposos
Que verte o sol do mar na infinda estrada.

E quando já se apague no horizonte
Esse fogo — do amor exhausto o vaso —
Nunca a tristeza te anuvie a fronte :
Que a amizade no teu viver desponte,
E nunca vejas esse sol no occaso.

XIX.

N'UM ALBUM.

Quem passar pelos campos da vida,
Tem de achar já espinhos, já flores:
E os espinhos lhe dão breves dores,
Breves gozos as flores lhe dão.
Viandante, este val te convida
A colher uma rosa em botão.
Por agora sacia teus olhos;
Mais além toparás só abrolhos,
Hirtas silvas em aspero chão.

—

E se tudo na terra assim passa,
Emoçoens recordar de que serve?
Quanto tem a ventura, a desgraça,
Vale a pena de que se conserve?
Que no peito saudoso se afague,
E só tarde, bem tarde se apague?

—

Mas no campo uma flor ha singella
Cujo viço não póde murchar,
É no brilho, na cor, menos bella
Do que a rosa — mas pode-se amar:
Que a perpetua tem vida bastante,
E no viço — na cor, é constante.

Um affecto tambem ha na vida
Que aos insultos do olvido sorri.
Amizade, amizade querida!
Quantos gozos, ó anjo, ha em ti?
Desses sim, desses sim, vale a pena
A lembrança guardar doce e amena.

XX.

DESESPERAÇÃO.

I.

Que! não posso eu soltar um brado ao menos
De amargura cruel?
Ha-de fazer ouvir cantos serenos
Alma eivada de fel?
Eu só quizera que tivesses, lyra,
Notas de paz e amor...

Bem sei que toda a creação suspira
Que é louca a humana dor...
Bem vejo a terra que a esperança aponta
Em seu verde tapiz.
De dia o sol, e á noite astros sem conta
Me dizem : « sê feliz » !
A duvida, bem sei, o élo desata
Que os homens prende á luz ;
Mas se o infortunio minhas crenças mata,
E ás trevas me conduz ;
Se o meu ser inquieto se aniquila
Das paixoens no tropel,
Hei-de fazer ouvir canção tranquilla
Cheia a alma de fel ?

II.

Não, não posso cantar ventura e amores
No meio do soffrer.
Cante ditas quem acha amenas flores
Nos jardins do viver.
Que digam outros co'o sorrir nos labios
« A vida é só gozar » :
Eu vivo e soffro, e o meditar dos sabios
Não me póde alegrar.

Eu vivo e soffro. Quando a luz se junta
Da noite á pallidez,
Magoada minh'alma ao sol pergunta
Porque vens outra vez?
Porque outra vez, ó sol, meu ser desperta
Tua importuna luz,
Se a tua face, de fulgor coberta,
Nenhum prazer conduz?
A vida, ó sol, é como tu — no centro
Escuridão e horror —
Tu brilhas — tu aqueces — mas lá dentro
Nem tens luz nem calor.
Ai do que um dia te sondar o nada,
Illusão infernal
Que chamam vida — selva perfumada
Que tem dentro o chacal!
Outros encontrarão amenas flores
Nos jardins do viver —
Eu não posso cantar ventura e amores
No meio do soffrer.

III.

Oh! quem me dera um escondido leito
Onde não fosse o sol

Nem aquecer-me o congelado peito,
Nem mostrar-me o arrebol!
E que a terra guardasse seus mil prados
E os prados seu matiz;
Guardasse o empyreo os mantos estrellados
Para quem é feliz;
Para a alma que em paz vive tranquilla
Cantando amor e Deus,
Ou para o coração que não vacilla,
Lendo o livro dos ceus
Mas eu quantas mil vezes interrogo
O ceu e a terra em vão!
Porque penso eu, meu Deus, porque este fogo
Sinto no coração?
Tu que espalhaste nas regiões celestes
Estrellas mil e mil,
E á terra deste as variegadas vestes
D'uma noiva gentil,
Porque me deste a mim a sina horrenda
De sempre em vão sonhar
Não sei que amor, que do viver na senda
Jámais posso encontrar?
Mas quem me escuta a dor e a impaciencia
Que dentro de mim ha?
Aos vôos do coração — da intelligencia,
O mundo risos dá.

Sempre sempre é baldada esta anciedade,
Qual do naufrago a voz
A quem responde só da tempestade
O rugido feroz.
Mas não — a minha sorte é mais amarga
Do que a desse infeliz:
A esse ainda o mar franco lhe alarga
O seio de rubís;
E elle lá pousa a fatigada fronte,
E o importuno sol
Já mostrar-lhe não póde no horisonte
As cores do arrebol.

XXI.

Á GRECIA.

EM 1853.

Grecia, Grecia! eu sonho ou vélo?
Não foi já no teu paiz
Que floriu o arbusto bello
Da liberdade feliz?
Não eras tu quem outr'ora
Mostravas ao mundo a aurora
D'um gigantesco porvir?
Não iam d'antes teus brados
Mil povos escravizados
Despertar do seu dormir?

Da tyrannia o Oceano
Para ti rugia em vão :
Tu, rochedo soberano,
Te erguias só na amplidão.
Se eras um dia captivo,
Lá te erguias povo altivo.
Só livre podias ser !
Aos tyrannos juram odio
Aristógiton e Harmodio —
E os despotas vão morrer.

Debalde nações remotas
Te querem o jugo impor ;
Á vista de suas frotas
Não afrouxa teu valor.
Derrotada em Marathona
A barbaria abandona
O teu livre e bello ceu !
Salamina ! immortal nome !
O despotismo se some
Nas vagas do mar Egeu !

E é bello ainda o teu clima,
E seu vívido calor
Parece que inda hoje anima
Dos Gregos d'outr'ora o ardor
Murmura a Ylisso quieto,

E a abelha, ao menos, no Hymetto
É livre no seu voar.
Inda o Olympo é grandioso,
E em seu cume magestoso
Parecem deuses morar.

Vós, montanhas elevadas,
Dignos monumentos sois
De tantas glorias passadas,
De tantos mortos heroes.
O sol quando se despenha
No mar, triste adeus desenha
Nas cumiadas que amou:
É que então traz á memoria
Essa luz d'immensa gloria,
Que tuas plagas deixou.

Quem, quem é que hoje te piza,
Solo sagrado e gentil,
Onde a perfumada briza
Beija as campas de heroes mil?
Raça de servos, embora
Por esses bravos d'outr'ora
Não saibas amor sentir;
Mas ao menos não receias
Que o som das tuas cadeias
Não deixe os mortos dormir?

Se inda soltára um harpejo
De Homero a lyra immortal,
Como corára de pejo
A sua terra natal!
Tu que soffreste um exilio
De dez annos, só por Ilio
Te roubar uma mulher,
Vês a liberdade exangue,
E não vais todo o teu sangue
Á nova Helena offer'cer?

Mas que vejo? o mundo pasma!
A Grecia alfim acordou.
Que Tyrteu a enthusiasma?
Homero a lousa quebrou?
Salve, ó povo, que despertas!
Das sepulturas abertas
Mil heroes lirios te dão.
Byron é seu enviado:
Missolonghi, gasalhado
Dá-lhe ao grande coração!

Mas em vão n'aquelle dia
Parecia resurgir
Um povo que a tyrannia
Se acostumára a opprimir
Canaris! novo Trasibulo!

Eis tua patria prostibulo
Dos despotas outra vez.
Canta, ó lyra, a antiga Grecia,
Mas deplora a de hoje — esquece-a
Se em liberdade inda crês.

XXII.

Á HESPANHA.

Hespanha! és nossa irmam — Em vão a sorte
Te quiz tão longe separar de nós,
Como da vida se separa a morte —
Ousa chamar-te «amiga» a minha voz.
Foi prodiga comnosco a natureza,
Mas bem póde tambem tua belleza
Ser da nossa rival.
Eu amo o solo que meu berço encerra;
Mas quem póde odiar-te, ó linda terra,
Amando Portugal?

Agoas serenas do formoso Tejo,
Não banhaes vós o iberico paiz?
Dos homens separou-vos o desejo,
Mas parece que Deus unir-vos quiz.
E tu, ó Douro, que entre rochas feras
Pareces repetir de antigas eras
Sempiternas cançoens,
Ainda ignota fada em ti dedilha
A doce lyra do suave Ercilla,
E a tuba de Camoens.

Paiz de fadas! sonhos romanescos
Inda podes aos bardos inspirar
Nos serros da Nevada gigantescos
Inda parecem mouras vaguear;
Alva é a fronte da montanha bella
Que, namorada, o nome tem da Estrella
A quem ama talvez;
Mas não menos gentil és, ó Morena,
Quando, do Estio por manham serena,
Te cresta o sol a tez.

Rosa fugida dos jardins do oriente,
Denunciou-te a brisa, ó flor gentil,
E lá se ergueu por ti todo o crescente,
Vieram-te buscar turbantes mil.
Mas é em vão que o sangue te borrifa,

Em vão te pede risos o califa:
Obteve só desdem.
Que tu virgem christam trahiste o mouro,
Não pôde embriagar-te a mirra, o ouro,
Todo o luxo do harem.

Pelaio! ousado foi teu pensamento!
Em vão passou o arabe por ti:
Rochedo que sostem o mar violento
Ao invasor disseste «pára ahi!»
Heroe, escarneceste-lhe das furias;
Christão, nos broncos serros das Asturias
Foste plantar a cruz.
Alli era de Deus throno solemne
O calvo monte; lampada perenne,
O sol lhe dava luz.

Patria do Cid! homericas batalhas
Se pelejaram pelos valles teus.
Cada braça de terra que mortalha
Não deu aos offensores do teu Deus!
Tu converteste em cathedraes bemditas
Os palacios profanos e as mesquitas
De enorme vastidão.
Voluptuaria Alhambra, que te resta?
Soledade, que triste ao mundo attesta
Ter vencido o christão.

Vencera, e mal ainda de seu seio
Expulso havia os ultimos infieis,
A Europa desprezando, sem receio
Impoz a ignotos mundos suas leis!
E já então a hispanica bandeira
Da nossa, sobre os mares altaneira,
Era uma digna irmam.
O Oceano sondando em curto vaso,
Seguiu Colombo o sol té seu occaso,
E viu Vasco a manham.

Rival nossa na gloria e na bravura
Que te fez desprezar faceis brazoens,
E hoje, o que é mais, rival na desventura,
Bem póde um portuguez dar-te cançoens.
Embora elevem hoje altiva fronte
Povos a quem nós démos o horisonte,
Eu canto a Hespanha só!
A Hespanha que a lutar co'a adversidade,
Inda vos dá liçoens de liberdade,
Naçoens vindas do pó.

Zombae, zombae do reino heroico, antigo,
Porque repousa do lidar de então:
Da Europa o inexoravel inimigo
Lá sentiu fraquear o coração.
Olhae, altivos povos, Saragoça

Como das Gallias o poder destroça,
Ainda que infeliz.
Olhae! este pendão que treme fraco
Já em Fuentes de Honor, já no Buçaco.
Venceu em Austerliz!

XXIII.

A ANGELA.

In the desert a fountain is springing,
In the wide waste there still is a tree,
And a bird in the solitude singing
Which speaks to my spirit of thee.
LORD BYRON.

Embora esta alma desespere ás vezes,
Os tristes echos a escutar da dor,
Porque o passado, com fataes revezes,
Me fez perder as illusoens do amor:
Revivo! Chama-me outra vez á vida
Uma esperança, qual jámais nutri;
Minha alma as penas do passado olvida,
Desde que, ó anjo, te encontrei a ti.

Quando no mundo procurei anciado
Um coração que respondesse ao meu,
Por mais d'uns olhos eu quiz ser olhado,
E em mais d'uns labios me sorria o ceu.
Ninguem o triste com paixão amara —
De affectos puros só desdem colhi —
Mas o amor puro, qual o eu sonhara,
Mas o amor de anjo, só achei em ti.

Da gloria o sonho me embalou o berço —
Mas desse sonho despertei tambem ;
Viver comtigo na ventura immerso —
A mente agora outro aspirar não tem.
Infindo sonho mais feliz, mais bello !
Desses que outr'ora no futuro li !
Por elle vivo, e morrerei no anhelo
De lá no ceu o realizar em ti.

Se não está meu coração já gasto
Da dor passada — do cruel soffrer,
Se sentir póde d'um affecto casto
Ainda enlevos, emoçoens, prazer ;
Será só teu esse sentir tão forte,
Esse crer puro, como infante cri ;
E quando a mim já se encostar a morte,
Achará inda pulsaçoens por ti.

Se o alaúde que um viver pranteia
Ha tanto tempo sem amor, sem fé,
Esquecer póde do passado a idea,
Triste fantasma que minha alma vê;
Como são teus os sentimentos santos,
Que tenho, ó anjo, desde que te vi,
Assim da lyra os amorosos cantos
Serão só teus, pois nascerão de ti.

Porém que importa fosse eu já descrente,
Porque esse mundo me trahiu fallaz?
Desses teus olhos o fallar não mente,
O teu sorrir quietação me traz;
Bem como os campos só resentem vida,
Se a rosea aurora no horisonte ri;
A minha sorte está á tua unida,
Nem sei que seja o existir sem ti.

Final 'sperança que em meu peito mora,
Os echos tristes fez calar da dor.
Do novo dia já raiou a aurora,
Já a luz se expande que respira amor.
Inda uma fonte no deserto brota,
Inda uma palma no areal sorri,
Inda uma ave, em solidão remota,
Me faz cantando meditar em ti.
Fevereiro de 1851.

XXIV.

L'INQUIÉTUDE.

Sais-tu pourquoi cet inquiet tourment
De mon bonheur empoisonne l'ivresse ?
Sais-tu pourquoi, dans le plus doux moment,
Mon œil distrait se voile de tristesse ?

XXIV.

DESASSOCEGO.

TRADUCÇÃO DE MILLEVOYE.

Não sabes querida que vagos tormentos
Enlutam ás vezes a minha ventura?
Não sabes porque nos mais doces momentos
Se cobrem meus olhos co'um veu d'amargura?...

Pourquoi souvent à ta main qui la presse
Ma froide main répond négligemment?
Le sais-tu? Non. Connais donc ma faiblesse.
Ris, tu le peux, de mes travers nouveaux :

Je suis jaloux, et jaloux sans rivaux !
Quand le présent m'enivre de délices,
Dans le passé je cherche des supplices.
Ton coeur — réponds sans nul déguisement —

N'a-t-il battu que pour moi seulement?
Durant les nuits, à l'heure où tout sommeille,
Jamais — dis-moi — les traits d'un autre amant
N'ont-ils troublé tes songes ni ta veille?

Le regard fixe et le sein oppressé,
Te rappelant une image trop chère,
N'as-tu jamais, le soir, près de ta mère,
Laissé tomber le travail commencé?

Tu me dis «j'aime» et d'une voix si tendre !
Ce mot charmant pour moi seul l'as-tu dit?
Que sais-je? Un autre avant moi l'entendit
Peut-être!... Eh bien ! je ne puis plus l'entendre.

Porque é que eu ás vezes tam frio te aperto
A mão delicada de branco marfim?
Não sabes? pois has-de-o saber, vou dizer-t'o,
Embora, sorrias e zombes de mim.

Eu sinto no peito ciumes penosos,
E sei que não tenho rivaes a temer!
Se bello o presente me offerta só gozos.
Lá vou no passado buscar desprazer.

Responde-me: sempre teu peito constante
De amor, como agora, por mim palpitou?
A sombra não viste jámais de outro amante
Que tuas vigilias ou sonhos turvou?

Jámais com o olhar fixo, e oppresso teu seio,
Sentindo uma imagem querida surgir,
Á noite scismaste, e no teu devaneio
Dás mãos o bordado deixaste cahir?

Tu dizes-me «eu te amo» palavra bem doce!
Mas só eu ainda no mundo t'a ouvi?
Talvez que escutada por outrem já fosse...
Por isso me custa a ouvil-a de ti.

Pardonne, hélas ! dans mon trouble fatal,
Je te parais injuste, ingrat, mais j'aime !
Ah ! songe bien que, pour l'amour extrême,
Un souvenir est encore un rival.

Pareço-te injusto — mas sou amoroso...
Perdoa meu triste delirio fatal!
Mas olha, quem ama, como eu, extremoso,
Té n'uma lembrança vae dar co'um rival.

1850.

XXV.

FRAGMENTO DO POEMA DE BYRON

« THE CORSAIR. »

« O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free,
Far as the breeze can bear, the billows foam,
Survey our empire, and behold our home!
These are our realms — no limits to their sway —
Our flag the sceptre all who meet obey.

XXV.

CANÇÃO DE PIRATAS.

Sobre as ondas azues do mar inquieto
Sem fim como o pensar, livre como a alma,
Contemplae nossa patria! Só a corre
Da brisa o sopro, ou o espumar das vagas!
Estes são nossos reinos — nossos subditos
Todos os que a bandeira nossa encontram,

Ours the wild life in tumult still to range
From toil to rest, and joy in every change.
Oh, who can tell? not thou, luxurious slave!
Whose soul would sicken o'er the heaving wave;
Not thou, vain lord of wantonness and ease!
Whom slumber soothes not — pleasure cannot please —
Oh, who can tell, save he whose heart hath tried,
And danced in triumph o'er the waters wide,
The exulting sense, the pulse's maddening play,
That thrills the wanderer of that trackless way?
That for itself can woo the approaching fight,
And turn what some deem danger to delight;
That seeks what cravens shun with more than zeal,
And where the feebler faint, can only feel —
Feel — to the rising bosom's inmost core,
Its hope awaken and its spirit soar?
No dread of death — if with us die our foes —
Save that it seems even duller than repose:
Come when it will — we snatch the life of life—
When lost— what recks it—by disease or strife?
Let him who crawls enamour'd of decay
Cling to his couch, and sicken years away;
Heave his thick breath and shake his palsied head:
Ours the fresh turf, and not the feverish bed,
While gasp by gasp he falters forth his soul,
Ours with one pang — one bound — ours, escapes control,

Nossa vida o tumulto, e nossos gozos
Passar da lida ao ocio, alegres sempre.
Quem o póde dizer? tu não, escravo,
Que o alento perdes encarando as ondas!
Nem tu, senhor lascivo, a quem o gozo
Nega prazer, e quietação o somno!
Só quem afeito ha muito ás tempestades
Tem bailado em triumpho sobre as agoas,
Póde dizer como o sentir exulta
A quem percorre afoito esta ínvia estrada;
Como a proxima briga nós amamos,
Vendo encantos onde outros veem perigos;
Com que alvoroço vamos ao encontro
Do que os cobardes fogem; como tudo
Que aos tímidos mudára a cor do gesto,
Nos faz sentir do coração no fundo
A esperança acordar — crescer o alento!
A morte?... que tem ella, se sabemos
Que os inimigos morrerão comnosco?
Ella embrutece mais do que o descanço,
Mas venha embora! A vida só nos prende
Em quanto tenha animação — que importa
Perdel-a por doença ou nas batalhas?
Busque o leito onde enferme longos annos
Quem gosta de assistir á propria ruina:
Para nós o torrão de fresca relva,

His corse may boast its urn and narrow cave,
And they who loath'd his life may gild his grave:
Ours are the tears, though few, sincerely shed,
When Ocean shrouds and sepulchres our dead.
For us, even banquets fond regrets supply
In the red cup that crowns our memory;
And the brief epitaph in danger's day,
When those who win at length divide the prey,
And cry, Remembrance saddening o'er each brow:
How had the brave who fell exulted now!»

Não a cama febril onde elle pousa
A fronte anciada respirando a custo.
Em quanto se lhe esvae a alma aos arrancos,
Uma só dor a nossa extingue rapida.
Que seus restos depois se vangloriem
N'um breve mausoleu, dourem-lhe a campa
Os que sua existencia aborreceram:
Sincero é nosso pranto, bem que raro,
Quando o Oceano sorve nossos mortos,
Dando-lhes a mortalha e sepultura.
E, bem que nos banquetes tributada,
Tambem nós a saudade conhecemos,
Quando esgotada é á memoria nossa
A rubra taça. Nem ao fim da lucta
Esquece o epitaphio, quando a preza
É repartida, e exclamam todos tristes:
— Como neste momento exultariam
Os bravos companheiros que expiraram!

Novembro de 1856.

XXVI.

SOLIDÃO.

I.

Longe! longe! onde não chegue
O tumultuar do mundo —
Vasto carcere profundo
Onde geme o coração —
Longe, longe, nestes ermos
Onde só ha Deus que mande —
Livre a alma então se expande,
Livre a alma é alma então.

Homem — podes já sósinho
Chorar triste as tuas dores,
Que o viver dá raras flores
Por mil espinhos que tem.
Poeta! teus pobres hymnos,
N'alma espontaneos nascidos,
Pelos echos repetidos,
Não motejará ninguem.

Ai que fallas tem os ermos!
Cada voz da soledade
Quanto excede em magestade
O que exprime a humana voz!
Que ternura diz a fonte
No seu murmurar cadente!
No ruido da torrente
Que som sublime e feroz!

Fossem sempre vozes destas
As que ouvissem meus ouvidos!
Accentos desconhecidos
Fossem outros para mim!

Não teria eu visto o mundo
Tam outro do que eu sonhára !
A minha illusão tam cara
Não tivera breve fim.

Quem me dera na soedade
Viver só co'a natureza !
Sentir com ella tristeza,
Com ella sentir prazer !
Longe os homens ! — Só quizera
Anjo puro de innocencia
Para esta meia existencia
Emfim completa fazer.

II.

E se o mundo não tem essa alma
Que ha-de unir-se p'ra sempre co'a minha,
Se é engano na terra mesquinha
Outro amor procurar para o meu,

Se o humano existir foi partido
Em dois entes — mysterio divino —
Que se afastam aqui de continuo,
Para só se encontrarem no ceu...

Para que me envolver nesse lodo
D'um gozar que tam pouco nos dura
Que só deixa após si amargura,
Ao sentir-se que é tudo illusão?...
Se é de gozos futuros presagio
Este anhelo que a alma inebría,
Porque não esperar *esse dia*
De ventura em quieta soidão?

III.

Para que minha alma
Deliras ainda?
A tarde já finda,
Vae a escurecer.
Calaram-se as aves,
Só lá n'um pinheiro
O mocho agoureiro
Se escuta gemer.

Nos dias de Maio,
Quando o sol se punha,
Outra ave compunha
Mais doce cantar.
O canto era alegre
Como o dia o fora —
Mas é triste agora
Como é meu scismar.

Ao longe fumega
Modesta choupana,
Com linda serrana
Conversa o pastor —
Que tem entre as horas
De repouso e lida
Esta hora querida,
Esta hora de amor.

Só tu, ó poeta,
Da vida o que fazes?
Em sonhos fugazes
Consomel-a em vão.

Debalde procuras
Repouso profundo!
Não o tem o mundo,
Nem mesmo a soidão.

Outubro de 1851.

XXVII.

GALILEU.

AO EXC.mo SNR. ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

Meu Deus! que triste espectaculo
O mundo aos olhos me dá!
Das crenças o tabernaculo
Não tem veu — rasgou-se já.
E como o viver é triste
Quando nelle nada existe
Que da fé accenda o ardor —
Quando é brinco a humanidade,
Um escarneo a liberdade,
E uma illusão o amor.

A aspiração do futuro
Faz tantos sorrir — mofar...
A mim não, que incenso puro
Não sei ao tempo queimar.
Eu não rio, que no seio
Do coração sinto o anceio ;
Preciso de crer e amar !
Não tenho medo da morte,
Mas não sou bastante forte
Para poder duvidar.

Deixae-me scismar sósinho
Nesses tempos que lá vão ;
Deixae-me ir o meu caminho,
Onde creio ha salvação...
Quero fallar do passado.
Preciso d'ouvir um brado
De quem inda não descreu !...
Que eu julgo que a humanidade
Creu outr'ora na verdade :
Não foi assim, Galileu ?

A verdade ! Foi a ella
Que consagraste o viver !
Illusão será, mas bella
Como não póde outra haver.
Que a Grecia peleje embora

Pela belleza que adora,
Dê á morte mil tropheus :
Não é Socrates mais forte
Quando sorve amarga morte
Por essa filha dos ceus ?

A verdade ! Tu a viste
Nos teus sonhos, Galileu.
Alegrou-te a vida triste
Aquella visão do ceu.
E ao vel-a quando sorria
Com angelica alegria,
Com meigo aceno de amor,
Olhaste a mentira ousado,
Como o anjo rebellado
Olhou ao Deus vingador.

Nesse instante, quando o extremo
Da vida vias ao pé,
Ainda um grito supremo
Fez ouvir a tua fé !
Tu viste naquelle instante
O Homem-Deus agonizante
O ceu e a gloria a fitar,
Em quanto a turba maldita
Brame a seus pés e se agita
Como procelloso mar.

Viste Socrates no leito
Ouvindo o povo rugir,
Que um povo a erros afeito,
Não sabe a verdade ouvir ;
Mas o heroe que vê apenas
Esconder-se o sol de Athenas,
E o do seu viver tambem ,
Expira com alegria !
Vae dormir sonhando um dia
Que surgindo perto vem !

Viste o genio em seu caminho
Luctando co'a força vam,
Sendo-lhe o mundo mesquinho
Noite eterna sem manham.
Mas se Prometheu ousado
Nos dá o fogo sagrado,
E tem pena atroz depois —
Os martyres da verdade
Dão á historia a eternidade —
Dão aos seculos faroes.

Novembro de 1854.

XXVIII.

CANTO DE AMOR.

Angela! é este o nome que o poeta
Gravou na lyra em fervorosos beijos!
Doce palavra que elle vê escripta
No ceu, no mar, na terra!
No ceu, vê-a brilhar á luz dos astros;
No mar, escuta-a no soar das ondas;
Na terra, aspira-a no halito das auras,
No perfume das flores.

Nome que eu creio até que a natureza,
Em horas de silencio e de mysterio,
Casar costuma do Senhor ao nome —
Eu nunca confiei teus sons divinos
Senão da solidão — estranho ouvido
Podéra profanar-te.

Oh! Angela! este som de mil segredos
Encerra para mim mais harmonias
Do que as dos bosques, quando os illumina
O ultimo raio do mais bello dia;
Quando as aves os hymnos seus gorgeiam,
E a fontinha descae de seixo em seixo,
E canta a brisa, a ramalhar nas arvores,
Namorando a verdura inda mimosa.

Quando a noite silencio impõe ao mundo,
E o ceu brilha, o mar geme, e a terra dorme,
É doce então de amor fallar, querida!
Embora a terra durma — nada a terra
Tem com nossos amores, nossas almas.
Não, que nunca esta mente me repousa,

Mas vela em ti pensando, como o Oceano
Que geme sempre, em Deus talvez pensando —
Não, que em teu peito um coração palpita
Ancioso, como o ceu co'o brilho trémulo
De mil estrellas fulgidas!
Não fallas?
Gósto tanto da tua voz angelica,
Que deixa o coração n'um doce enlevo,
Qual bemaventurados gozar devem!
Essa palavra « eu te amo » repetida
Tantas vezes por ti, o mesmo encanto
Tem para mim, que teve a vez primeira,
Quando o amor e o pejo disputavam
Qual nos daria — a ti — maior belleza
— A mim — maior ventura.

Que lindos olhos tens! e ha-de o poeta
Só cantar as estrellas que fulguram
Tam longe lá no ceu, quando ha na terra
Astros como esses teus?
Luz de esperança,
Que vi brilhar do meu viver nas trevas!
Deixa-me sorver sofrego teus raios,

Como sorve os do sol pudica rosa!
E se esta dá em troca desses raios
Ao seu rosal aromas recendentes,
Minh'alma te dará seus pensamentos,
Meu coração seu desejar mais puro.

Angela! como eu te amo — como vivo! —
Porque a vida é amar. Ter em Deus crença
Não é fitar teus olhos scismadores?
Não é uma oração — dessas que sabe
Erguer a Deus a natureza inteira —
O palpitar de dois amantes seios,
O enlevado de dois olhares ternos,
Que ora se encontram — ora vão pousar-se
A um tempo na gentil face da lua
Que parece calar no mudo brilho
Tambem amores, como os nossos, castos?
Sim, é isto o viver!...
Dormir um somno
Que afagam sonhos, que visoens alindam,
Para um dia acordar ao som de musica
De harpas celestiaes! E ha inda, ó Angela,
Quem chame á vida inferno — a Deus mentira!

Julho de 1851.

XXIX.

ASPIRAÇOENS.

Que triste vida neste mundo vivo !
Sou qual captivo que só trevas vê.
Quando hei-de a aurora saudar serena,
Que á minha pena refrigerio dê.

É frio este ar — eu o respiro a custo —
D'um solo adusto dá mais vida o ardor,
Quando o suavisa deleitosa aragem
Que na passagem perfumou a flor.

Causa-me tedio este horizonte estreito
Que opprime o peito, fatigando o olhar:
Quero de valles extensão infinda,
Ou quero ainda a vastidão do mar.

Nem quero até que me limite a vista
D'um monte a crista que se occulta em veus.
Do sol ver quero a despedida escripta
Em larga fita colorindo os ceus.

Dem-me uma terra com viçosos prados
Sempre esmaltados de feliz verdor,
Onde eu ter possa primavera eterna,
E sempre ver na larangeira flor.

Não quero noites com mil veus medonhos
Que bellos sonhos me não podem dar:
Que sempre de astros o cortejo affllua
Em quanto a lua pelo ceu vagar.

Quero outra vida sob um ceu ardente
Onde inclemente não exista a dor.
Quero que lá mil feiticeiras vaguem
Que a sêde apaguem de infinito amor.

E quero d'*uma* no sorrir divino
Ler meu destino de gozar sem fim ;
Quero que amante me confie a sorte,
E até á morte se abandone a mim.

Não mais escravo de mulher vaidosa,
Que é só formosa, mas paixoens não tem,
Hei-de na terra mendigar carinhos,
Colhendo espinhos de cruel desdem.

Quero-*lhe* os olhos d'um azul escuro
Como o ceu puro quando é noite já ;
Negras pestanas sombreando as cores,
Dem-lhe os pallores que em tormentas ha.

Quero-lhe uns labios cuja cor mimosa
Imite a rosa, n'um sorrir feliz ;
Mas do ciume no cruel martyrio,
Imite o lyrio, que tristeza diz.

Que vida ahi eu viverei com ella !
Flor sempre bella meu viver será ;
Lympha que nunca seccará o estio,
Nem sopro frio congelar virá.

Irá na terra, bonançoso arroio,
Qual nunca foi, o meu viver em paz ;
Irá !...
Mas sonho ! Imaginar profundo
N'um vago mundo de illusões me traz.

Ai louco ! o mundo por que em vão suspiro,
A que eu aspiro, não tem ser real :
E em quanto nelle imaginar insano,
Mais inhumano tornarei meu mal.

1851.

XXX.

UMA NOITE D'ABRIL.

Nestas noites d'Abril que o Eterno
Consagrou á ventura, e ao amor —
Tudo canta feliz — só eu gemo
Hymno triste gerado na dor.

Bella noite! Suspiros das brisas
Só lhe quebram a doce mudez;
Brinca a lua co'as agoas do rio
Que já viu os amores de Ignez.

Mas a mim que me importa o silencio
Com que a lua nos olha do ceu,
Se meu peito é vazio de affectos,
E minh'alma a esperança perdeu?

Que me importa a rainha dos astros,
Que no liso Mondego se vê?
Minha vida é qual longo crepusculo
Em que a dúvida lucta co'a fé.

Quando ha pouco esses astros brilhantes
Vi tremerem nos seios do ceu,
Sua luz pareceu-me um momento
Desfazer de minha alma o atro veu.

E seu fogo suave em meu peito
Accendeu a esperança outra vez;
E pensei que inda um dia a ventura
Poderia sorrir-me talvez.

Mas a noite com suas bellezas
Illudir-me um instante em vão quiz ;
Foi em vão que as sublimes campinas
Enflorou c'o estrellado matiz.

Deu-me a luz socegada da lua,
Que se vae no Mondego rever,
Como uns olhos que vinham outr'ora
Doce encanto a meus sonhos trazer.

Deu-me os doces murmurios do rio
Suspirando ternuras sem fim ;
Deu-me os vagos perfumes que as brisas
Me traziam de ignoto jardim.

Deu-me a bella folhagem das arvores
Para o ceu através contemplar ;
Deu-me sons d'uma frauta distante
Que me deram um terno scismar.

Deu-me encantos — mas — ai ! eu quizera-os
Resumidos n'um riso de amor.
Que me importam, ó noite, teus canticos,
Se em minh'alma ha só hymnos de dor ?

1853.

XXXI.

VERSOS

RECITADOS NO THEATRO ACADEMICO DO PORTO.

Irmans são as artes. O genio se ostenta
Na tela coberta por habil pincel,
Na lyra do vate soltando harmonias,
Na estatua que eleva sublime cinzel.

Ventura na terra debalde a procura
Quem póde mil gozos ao mundo comprar:
Feliz o talento — feliz o artista
Que sabe transportes — paixoens acordar!

Embora morresse Camões n'uma enxerga,
Lá viu no futuro seu nome brilhar;
E ao Tasso entre doidos vieram-lhe ainda
Do grande Petrarca laureis offertar.

Antonio Ferreira, Camoens, Gil Vicente,
Impoz-vos a morte perpetua mudez!
Mas nós suspiramos, sentimos comvosco!...
Arrancam-nos prantos os prantos de Ignez.

Oh! sim, resuscitem os genios do drama!
De novo á luz vinde, gentis creaçoens!
Que o palco as anime! Só podem os Talma
Dourar dos Racine gigantes brasoens.

Amigos, á liça! No campo da scena
Dois astros fulguram, quaes gemeos irmãos:
Medita o poeta, o actor o comprehende,
Partilham triumphos, rivaes dão-se as mãos.

1853.

XXXII.

N'UMA NOITE TEMPESTUOSA.

Brame, ó tempestade, brame!
Tem encantos teu rugir,
Embora o mundo mais ame
Dos astros brando luzir.
Falla, falla-me de horrores;
Á terra leva-lhe as flores,
Rouba as estrellas ao ceu!
Que appareça a natureza
Sem mysterios, sem belleza!
Cubra tudo escuro veu!

E ululando, ao longe, o Oceano
Encha o ar de tristes ais —
E o tufão, passando insano,
Ondas erga mais e mais!
Outros amem liso lago
Que das auras doce afago
Vae brandamente encrespar:
Da procella o canto horrendo
É agora o que eu entendo,
Pois se casa ao meu pezar.

É que dentro de minh'alma
Tempestuosas paixoens
Tambem me roubam a calma
Das primeiras illusoens.
Não mais roje o ceu estrellas,
Nem a terra flores bellas
Que me enganaram sem dó:
Quando as vi, sonhei amores,
Disse á vida «dá-me flores»,
E ella deu-me espinhos só!

Quem ao ver, ó natureza
Teu variegado matiz —
Quem ao ver tanta belleza —
Não crê que será feliz?
Quem dirá que a dor se encerra

Nos verdes mantos da terra
Que vam esperança dão?
Eu só tarde pude crel-o!
Mas hoje esse mundo bello
Não me illude: vejo-o em vão.

Brame pois, ó tempestade!
De teus trovoens no rugir
Soa o horror, soa a verdade
Que minh'alma quer ouvir!
Canta da vida os horrores,
Que no mundo não ha flores!
Mente a terra quando o diz!
E vós, estrellas celestes,
Que vans quimeras me destes
Se de amor fallaes, mentís!

XXXIII.

N'UM ALBUM.

(PRIMEIRA FOLHA.)

Sempre lembra da infancia appetecida
O primeiro folgar sem uma dor,
Ou nos seja o viver um dissabor,
Ou entre flores corra amena a vida.
É grato á alma, ainda arrefecida,
O recordar-se do primeiro amor,
Embora dado a coração traidor,
Embora pago com paixão mentida.

Assim como o olvido não consome
Primeiros gozos d'um viver fagueiro,
Nem a affeição primeira... assim te assome
Á mente um pensamento lisongeiro,
Ao lembrares aquelle cujo nome
No livro teu appareceu primeiro.

XXXIV.

RECORDAÇOENS.

Amei-te, amei-te muito, anjo perdido
No tumultuar d'um mundo que detesto.
Amei-te, sim — mas ai — amor funesto
Foi esse que sorví n'um teu olhar.

Era da infancia o despertar primeiro,
Findára ha pouco a aurora da existencia :
Inda o sol das paixoens não tinha ardencia
Para meus sonhos vãos afugentar.

Já por mais viva luz alumiada,
Mais bella me sorria a natureza ;
Já nas flores achava mais belleza,
E a conversar c'os astros comecei.

Ao ver o mar, minh'alma se expandia ;
Já me não dava o seu rugir pavores ;
Deixava, para o olhar, da terra as flores,
E ao olhal-o scismava... em que, não sei

Vi-te então. Passeavas tu na praia,
Procurando alvos seixos, descuidosa
Da vaga cuja espuma ia vaidosa
A par da tua mão perder o alvor.

E eu que buscava o teu olhar, achei-o...
Achei-o — assim o quiz o meu destino
Que nesse olhar nos deu prazer divino
Pago depois com tanta — tanta dor.

Jurámo-nos amor. Oh! bem te lembra
A noite desse louco juramento:
Nem um soluço murmurava o vento,
Nem um só ai mandava á terra o mar;

Surgira então a lua, e do horizonte
Parecia espreitar-nos curiosa;
Como se a creação toda afanosa
Se importasse com nosso segredar.

Pobres loucos de nós — não nos lembrava
O mundo em que viviamos mesquinhos.
Cremo-nos nesse instante alli sósinhos,
Tendo só por irmãos astros do ceu.

Ouvi-te as fallas de harmonia infinda;
Em teus olhos brilhava luz tam pura!
O vel-a só já era tal ventura,
Que nunca mais minh'alma a esqueceu.

Entre os humanos rapida existencia
Devia ter uma affeição tam santa:
Murchou em solo ingrato a pobre planta,
Quando mal começava a despontar.

Foi breve o enleio — despertei. Embora!
Desse amor impossivel — sem 'speranças—
Restam-me ainda vívidas lembranças,
E essas ninguem m'as poderá roubar.

Passem as turbas em delirio louco;
Não lhes invejo seu prazer hediondo:
De seus gozos não pode o vão estrondo
Abafar do passado um echo em mim.

Sim. É por esse amor, embora sonho,
Que sempre sentirei terna saudade.
Ou gozal-o, ou perpetua soledade...
Perpetua não — que este viver tem fim.

XXXV.

O DIA DOS MEUS ANNOS.

Astro de melancolia
A quem Deus negou a luz,
Tenho em vez de raios sombra,
Como d'um jazigo a cruz.
INEDITO.

Meu natal! N'um horizonte
Ennublado vens surgindo!
Inda assim seja bem vindo
O teu funebre clarão!
Não esperes doces risos —
Não terás ledos festejos:
Melancolicos harpejos
Tua vinda cantarão.

Salve, dia dos meus annos!
Que após ti outro se apresse!
Venha o final que arremesse
Ao nada meu existir!
Tu vens dizer-me que um dia
Cessará meu soffrimento,
Que basta só um momento
Para a dor toda extinguir.

Passae, saudades da infancia —
Lembranças da juventude!
Deixae-me ver o ataude,
Como um amigo, a sorrir.
Não é sempre a vida o mesmo?
— Pertinaz, baldado anhelo —
Sonhar sempre um mundo bello,
E neste mundo existir.

Bem sei que pouco hei vivido —
Mas... passae meus torvos annos...
Quantos mais — menos enganos
O existir me póde dar.
Se tudo é uma ironia
A quanto eu quero e imagino —
Correi, correi — meu destino
É pela morte esperar.

É por isso que este dia
Faz-me alegre — hoje sorrio —
Seja embora um desvario
Lembrar-me hoje do morrer.
Quando, ao por do sol nos bosques
Findam canticos suaves,
Então as nocturnas aves
Veem sua aurora romper.

XXXVI.

A COIMBRA.

Coimbra! Quem viver junto ao teu rio —
Que, espelhando do ceu a cor tam pura,
Ora se encobre, e as margens só procura,
Ora entre os areaes vaga erradio —

Quem vir por noites placidas de estio
De teus valles e campos a verdura —
Não diga que jámais sentiu ventura,
Que só da dor conhece o veu sombrio.

Azul ceu ! verde terra ! escuro monte !
Teu mais bello sorriso, ó natureza,
Eil-o neste insondavel horizonte !

O salgueiral tanto estes sitios préza,
Que ora abaixa, ora eleva a inquieta fronte
Na terra e ceu achando egual belleza.

XXXVII.

NOX PERPETUA UNA DORMIENDA.

(AO MEU AMIGO ALEXANDRE BRAGA.)

Vamos andando sin saber donde.
ESPRONCEDA.

Longe a tristeza! Longe os pensamentos
Que envenenam da vida os curtos gozos!
Que importa, ó Deus, quaes sejam teus intentos,
Se raiam sobre mim dias formosos?

— Qual é da vida o fim — estulta idéa
Em que o pensar inuteis horas gasta !
Qual viração que as arvores menéa,
Mystico sopro nossa vida arrasta.

Porque zombar da turba que se agita,
Ora ao trabalho, ora ao prazer entregue ?
Será mais sabia a fronte que medita
Arcanos que saber jámais consegue ?

Que importa se ha alem da sepultura
Mais que um cadaver frio em terra fria ?
Ou se ha outro calor, e outra luz pura,
E outra terra, e outros ceus, e outra alegria ?

Talvez me brote da funerea lagem
Um mundo extenso de eternal belleza :
Mas porque maldizermos da viagem
Se nos espera ao fim grata surpreza ?

Não sei — mas quando eu era áquem da vida
Ninguem me annunciou este universo.
Que muito é pois que na feral jazida
Entre ignorante como entrei no berço?

Olhae! a larangeira se balança
No ar que perfuma com suaves flores;
Á terra preza vive, e não se cança
Na primavera de brotar verdores.

Mas n'um rispido inverno, em noite brusca,
O raio, do trovão seguindo o ronco,
Desce á collina — a larangeira busca,
E a folhagem é cinza, é cinza o tronco,

Onde deixa o tufão o seu despojo?
Talvez no rolo d'uma vaga, um dia,
Bem longe, a ignotas praias vá de rojo
Quem deu outr'ora aos valles alegria.

E ao homem donde vem tam grande orgulho?
É porque olhando o ceu, os astros conta?
Porque sorri das ondas ao marulho,
E altivo ao raio seu caminho aponta!

Porque maldiz do seu viver os males?
Será porque na ardente fantasia
Póde sonhar um eden que em seus valles
Eternas flores e anjos puros cria?

Porque, crendo em ignota providencia,
Quer surprehender da creação o plano?
E vendo um pezo inutil na existencia,
A morte evoca em seu delirio insano?

Longe, longe o scismar n'um vago mundo!
Longe a inquietação que n'alma impera!
Embora seja nesse abysmo fundo
Que dos humanos o porvir se gera.

Nem me venham dizer que a dor impelle
A humanidade ávante, e assim escripta
Foi a lei do progresso por Aquelle
A cuja voz tudo se move e agita.

Bem sei. Mas que da terra o pobre filho
Não vá erguer seu ideal tam alto,
Qual viajor que encara um longo trilho,
E desfallece, de energia falto.

1856.

XXXVIII.

O INVERNO.

1.

Salve ainda uma vez, ó natureza!
És bella mesmo assim, triste e sombria;
Amo a severidade que hoje ostentas;
Gósto de teu aspecto carregado.

Já não tapiza os campos verde relva,
De singelas florinhas marchetada;
Já não se escuta o murmurar carpido
De modesto regato cristallino.
Em vez do bafejar das doces auras,
Escutam-se as rajadas do nordeste,
Que ao cedro abaixa a sobranceira fronte;
Em vez do som do rio voluptuoso,
Ouve-se ao longe a tumultuaria queda
Da torrente que alaga o pó dos montes...
Salve ainda uma vez, ó natureza!
Deixa-me contemplar as tuas scenas—
Quero-me extasiar ante o sublime
De teus bellos, embora rudes, quadros!

II.

Despidos troncos — desnudados ramos
Só vejo em torno a mim — sua folhagem
De que servíra agora? O fero norte
Na passagem não quer achar estorvo.
Era lindo de ver-se a branca lua
Pelas noites de Maio perfumadas
A espreitar entre as folhas dessas arvores:

Mas nestas noites que creou o Eterno
Para ao homem fallar, não deve o raio
Mostrar o seu fulgor entre a folhagem,
Mas em nua amplidão, traçar ligeiro
O nome do Senhor em igneas lettras.

III.

Soprae, soprae, ó ventos — sobre a terra
Fazei ouvir a musica selvagem
Que tem o pinheiral — sons grandiosos
Que o coração fazem pulsar mais forte,
Embora seja de prazer ou medo.
Soprae, soprae, ó ventos — sobre o Oceano
Erguei vagas e vagas ruidosas —
Montanhas d'um momento — mas que podem
Ainda assim sorver milhões de vidas,
Dos homens confundindo o orgulho insano...
Soprae, soprae, e pelo ceu correndo,
Das nuvens estendei os vastos mantos,
Que ao sol o disco radiante encobrem
Com suas gigantescas — vagas formas.

Oh! eu gósto de vós, nuvens sombrias —
Gósto de ver-vos a pairar no espaço,

Ora assombrando os valles e campinas,
Ora do ceu torrentes despenhando,
Que os tímidos regatos apavoram:
Assim um bando freme d'alvas pombas
Vendo do ceu na altura o açor librado.

É agora que eu te amo, ó patrio Douro!
Agora sim, que passas sobranceiro
E ameaçador sobre essa penedia
Que tam profundo te cavou o leito.
O proprio mar festeja alegre a vinda
De tuas agoas, que no seio acolhe;
E ondas mais altas sobre ti rolando,
Brinca, e um rugido de prazer eleva —
Como a leoa, em seu amor selvagem,
Ruge, quando c'os filhos brinca alegre.

IV.

E não hei-de eu sentir ante essas scenas
Solemne enthusiasmo — ha-de esta lyra
Emudecer, e não cazar seu hymno
Da creação aos canticos sublimes?

Louvores ao Senhor — que faz no estio
Lourejar a seara na planura!
Por Elle é que no rio
O sol então fulgura.
É elle quem lhe agora a face véla,
E pelo ceu mil nuvens arremessa,
Que, não fulgida estrella,
Mas o raio atravessa.

Não desesperes, homem, escutando
O rugir do tufão, que na passagem
Vae do álemo soltando
O resto da folhagem.
Foi elle quem mandou o fero norte
Deixar assim a creação despida —
Elle o que dá a morte,
E dá tambem a vida.

XXXIX.

VIGILIA.

Comvosco sou maior; mais longe a mente
Pelos seios do ceu se immerge livre,
E se desprende de mortaes memorias.

A. HERCULANO.

Eu amo as horas placidas da noite
Quando voeja o pensamento livre
Por outras regioens, aonde os gozos
Apuram o sentir, e a mente exaltam.

Mortas chamam taes horas os que nunca
Conversaram comsigo um só momento.
Horas mortas porque? — vaidade estulta —
Porque o burguez foi repousar a fronte
Dos calculos que a sua vida absorvem?
Porque não passam luzes nas janellas
De baroens sumptuosos — e da orgia
Emmudeceram as cançoens impuras?
Pois eu mais vida sinto então comvosco,
Horas caladas — na mudez da noite
Ninguem a fantasia me perturba.
Embora seja imaginaria vida
A que o pensar a sós comsigo cria.

E comtudo ha no dia mil encantos
Que me enamoram — Quando o sol desponta
E vem dar luz aos orvalhados campos,
Bello é da vida o luminoso centro;
E creio deve ter saudades delle
Quem dorme o eterno somno: oh! é de certo
Bem curto o horizonte d'um sepulchro.

Eu não sei... Mas ao ver as mil bellezas
Que a creação ostenta dia e noite —
Ao ver o sol, os montes, as campinas,
As estrellas, os bosques, o Oceano,
Inda me sinto triste dentro d'alma —
E quizera outro sol de luz mais pura —
Outros montes de formas mais ethereas,
Outros campos mais verdes e floridos.

Brilha nos ceus a lua — altiva passa
Indifferente pelas mil estrellas
Que lhe enfloram a estrada de diamantes.
Deixae tambem passar aqui na terra,
Sorrindo de desdem a seus prazeres,
O misero que busca outros encantos
Que lhe creou a ardente fantasia.
Deixae-o entregue a seus delirios loucos...
Loucos? — quem sabe? que sabeis vós outros
Que ao seu fantasiar chamaes loucura?
Quem sabe se esse mundo a que elle aspira
Existirá da creação no seio?

É tam bom o sonhar! É bella a vida
Que eu imagino por veladas noites,
Quando bem longe — a mente fatigada
De si expelle as sensações terrenas.
Guardae, guardae, ó virgens, esses risos
Que tantas vezes vós vendeis ao oiro:
Eu tenho aerea fada que vem meiga
Ao meu peito encostar-se carinhosa,
E fazer-me esquecer tristes memorias
D'um custoso viver — Visão querida,
Vem á noite afogar do dia as magoas;
Qual celeste sorrir da madrugada
Que da noite desfaz pezadas sombras.

Eu bem sei que entretanto a vida passa,
E minh'alma sorri triste sorriso
Vendo a existencia em illusões perdida;
Mas tudo isso a que os homens chamam gozo —
O amor — a gloria que com ancia buscam —
Não será tudo uma illusão como isto
Que a ventura me dá, embora em sonhos?

XL.

ADEUS.

Uma lagrima em teus olhos!
Oh! bem vinda a doce gota
Que a minha senda de abrolhos
Orvalha com seu frescor.
A dor teu rosto desbota,
E minh'alma dilacera —
Mas que importa se ella gera
Essa perola de amor?

Adeus! as horas se apressam
Invejosas sem piedade —
Olha — talvez que me esqueçam
Os gozos do nosso amor.
Mas terei sempre saudade
Deste instante, embora curto,
E da lagrima que a furto
Em teu rosto pinta a dor.

FIM.

INDICE.

—

		Pag.
I	Hymno á Lua — Ao meu amigo A. Ayres de Gouvea	7
II	O Mar.	11
III	Ao mesmo.	17
IV	Soledade..	21
V	A um retrato de Rousseau ..	25
VI	Noites de Outomno	28
VII	Deus.	38
VIII	Lamentos de Camoens — Ao meu A. A. Soares de Passos. ..	41
IX	Pensamentos d'Outomno	49
X	Noite e Mar — (Fragmento) ..	51
XI	Elegia — Canto do suicida ..	54

		Pag.
XII	Não fujas	58
XIII	Quadras recitadas no concerto do violinista F. de Sá Noronha	61
XIV	Ao Penedo da Saudade — (Em Coimbra.	64
XV	Não te esqueças	66
XVI	Hymno da manham..	69
XVII	Outomno.	72
XVIII	No album d'uma Senhora ..	78
XIX	N'um album.	80
XX	Desesperação.	82
XXI	Á Grecia — Em 1853.	87
XXII	Á Hespanha..	92
XXIII	A Angela	97
XXIV	Desassocego..	101
XXV	Canção de Piratas	107
XXVI	Solidão	112
XXVII	Galileu — Ao Exc.mo Snr. Antonio Feliciano de Castilho ..	118
XXVIII	Canto de Amor..	122
XXIX	Aspiraçoens..	126
XXX	Uma noite d'Abril	130
XXXI	Versos recitados no Theatro Academico do Porto.	133
XXXII	N'uma noite tempestuosa. ..	135

		Pag.
XXXIII	N'um album — (Primeira folha)	138
XXXIV	Recordaçoens	140
XXXV	O dia dos meus annos	144
XXXVI	A Coimbra	147
XXXVII	Nox perpetua una dormienda — Ao meu amigo Alex. Braga	149
XXVIII	O Inverno	154
XXIX	Vigilia	159
XL	Adeus	163

1 EAg 32

LIBRARY OF CONGRESS
0 027 250 878 1